

Relato de Experiência

A POÉTICA DA COR DO SOM

THE POETICS OF THE COLOR OF SOUND

Ana Alice Francisquetti⁷

Tânia Cristina Freire⁸

Resumo

Neste estudo apresentamos a estrutura e fundamentação teórica da intervenção A Cor do Som, desenvolvida no VII Fórum Paulista de Arteterapia, trazendo a importância do som e da música em nossas vidas em todas as fases do desenvolvimento e sua importância no trabalho arteterapêutico. Dividido em 6 compassos, como uma partitura musical, a intervenção desenvolvida durante o evento teve como objetivo refletir o quanto a música induz ao ato criador de um desenho ou pintura.

Palavras Chaves: Arteterapia, Música, Criatividade

Abstract

In this study we present the structure and theoretical intervention The Color of Sound, developed at the VII Paulista forum of Art Therapy. This work brings the importance of

⁷ AATESP 026/1203, Arteterapeuta, Arte Reabilitadora, Artista plástica com obras no acervo do MASP, MAM, Pinacoteca do Estado de São Paulo. Percursora da Arte Reabilitação no Brasil, fundou o setor de Arte Reabilitação da AACD-SP. Organizadora dos livros: Arte Reabilitação, Arte-Reabilitação: um caminho inovador para a arteterapia e Arte e Medicina. Professora convidada do curso de Arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae.

⁸ AATESP 053/0305, Arteterapeuta, Arte Reabilitadora, Mestre em Distúrbios do Desenvolvimento, Especialista em Neuropsicologia e Pós Graduada em Neuropsicopedagogia. Atuando como arteterapeuta no Centro de Convivência UNIBES, Centro Dia Senior Vita, proprietária do Espaço Criativo Quintal de Brincadeira - Ateliê Terapêutico

sound and music in our lives with all the phases of development. Divided 6 bars, the musical score intervention developed during the event aims to reflect how much music induces the act creating a picture or painting.

Keywords: Art Therapy, Music, Creativity

“Havia adivinhado que seu desenho (o de Klee) era a transcrição da música”

Rainer Maria Rilke

O grito que envolve a criança quando nasce, as batidas do coração, o ritmo da respiração. Certos sons, a voz da mãe, algumas cantigas, falam do tempo passado trazendo memórias de eventos vividos ruídos, gotas da água, folhas batendo ao vento, barulho das ondas do mar, o canto dos pássaros, os sons do sapo no brejo, o som da algazarra das maritacas. O som do trovão. O barulho úmido dos pés na caminhada na praia, a fogueira que arde, a cidade nascendo. Os ruídos do corpo. O grito. São sons da vida ligando ritmo a vibração. Sons talvez desconhecidos e inesperados.

Para compreender a proposta de uma vivência é necessário conhecer um pouco de sua história. Para tanto retornaremos aos gregos resgatando sua visão sobre questões que envolvem a cor e o som.

O ensaísta Pascal Guignard (1996) escreve que no cântico IX Odisseia, Ulisses conta suas aventuras: primeiro a gruta, depois a ilha de Kirkè, por fim a viagem ao país dos mortos. Na volta passa pela Ilha das Sereias. Circe adverte Ulisses que o canto das Sereias atrai os homens e prende na fascinação aqueles que o ouvem. A rapina indica a Ulisses que cada homem deve ter seus dois ouvidos tampados com cera amassada-os, tirada-os com uma faca de bronze de um bolo de mel. Somente Ulisses podia conservar

os ouvidos destampados, desde que estivesse amarrado ao mastro. Cada vez que Ulisses pedisse para ser desamarrado dois homens deveriam apertar mais os nós. Então ele poderia ouvir o que nenhum mortal ouviu sem morrer: os cantos das Sereias. Ouvir é ser tocado de longe. Ulisses foi o único homem a ouvir o canto que fazia morrer, sem morrer. Disse para caracterizar o canto das sereias “enche o coração desejo de ouvi-lo” (p.99)

O poema épico Odisseia, atribuído a Homero fala de quanto a música atrai, seduz. Ao mesmo tempo, o som pode deixar no corpo um tumulto de lembranças. Um elo profundo ligada a vida psíquica aos sons.

Se de um lado a música penetra no interior do corpo e invade a alma trazendo alegria, ela também pode invocar momentos de grande tristeza. Existe o sofrimento sonoro. É fato conhecido que cantores de Campos de Concentração, uma vez libertados, nunca mais cantaram. Os músicos tocavam realmente para um público que ia para a câmara de gás. Em outros momentos os prisioneiros cansados de um dia de trabalho se reerguiam quando escutavam a orquestra tocar. Muitos prisioneiros odiavam a orquestra por trazer memórias repletas de saudade de momentos vividos. (GUIGNARD, 1999).

O autor lembra da relação que existe entre a música e a morte. A corda de um violino é feita de tripa de carneiro, o tambor, de couro, a flauta, de osso, e o mesmo para as teclas do piano, dentes de elefante. Parentesco da música com o terror.

Os primeiros pintores pintavam animais que perseguiram, deles se alimentavam e com cujas peles se vestiam. As grutas do período paleolítico são instrumentos musicais cujos muros foram decorados. Os primeiros homens pintavam guiados pelas propriedades acústicas de certas paredes e representavam os rugidos do focinho das feras em seus

desenhos. Desde essa época podemos perceber a relação entre o som e a expressão artística

Paul Klee, artista nascido na Suíça em 1879, um dos principais teóricos do movimento construtivista nas artes plásticas, contribuiu com o pensamento formalista da Bauhaus na Alemanha e identificou as relações formais entre música e as artes visuais, apresentando conexões entre a linha melódica e as linhas do desenho; tempos do compasso e as divisões da pintura; a métrica da música e as modulações de formas em artes visuais. O silêncio na música, os espaços em branco na pintura ou na gravura. As primeiras experiências realizadas por Paul Klee relacionando a música com as artes visuais, estão explicitadas em suas obras satíricas, utilizando a técnica da gravura.

Na obra *Divisão a três tempos* (1930), Klee utiliza um esquema com alternância para representar a grafia musical do compasso ternário. O primeiro tempo é identificado pela cor preta; o segundo pela cor cinza e o terceiro pelo branco. Estes elementos se repetem em várias sequências de preto/cinza/branco. Na composição musical, o compasso determina o ritmo. Assim também ocorre na representação da pintura. (CASTRO, 2010)

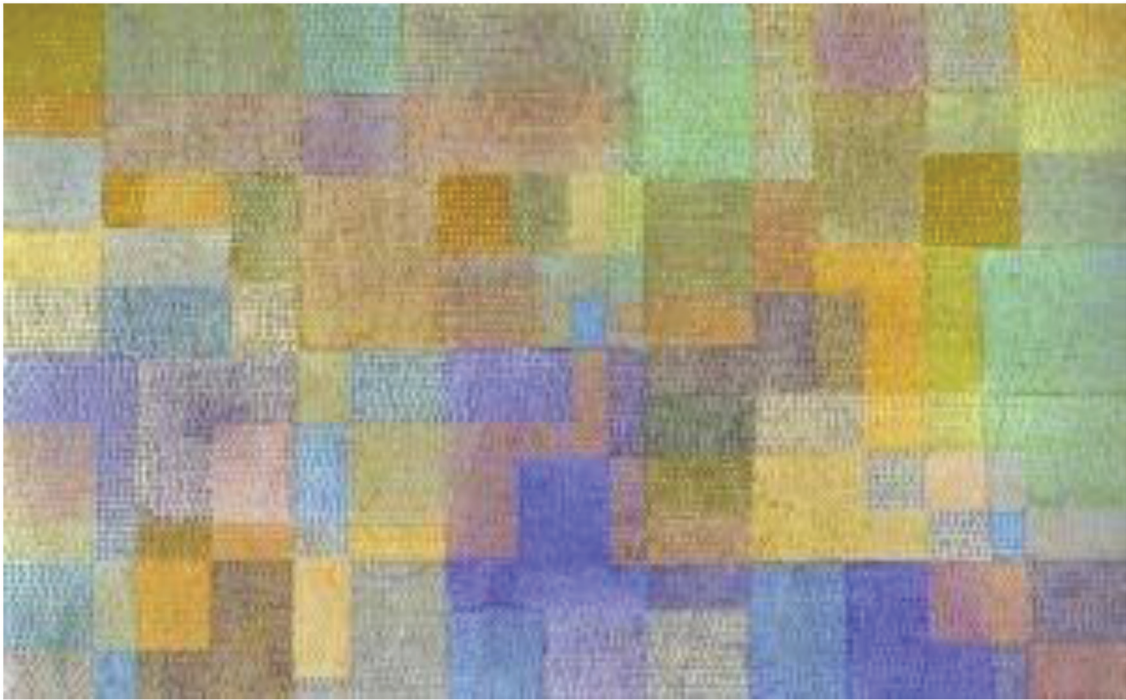


Figura 1 Polifonia - Paul Klee (1932)



Figura 2 - Nova Harmonia - Paul Klee (1936)

Klee parece estar cada vez mais convencido acerca do paralelo entre arte e a música. Da natureza dual das coisas não podemos compreender o som sem sua relação com o silêncio, podemos pensar na necessidade do silêncio em uma composição musical, para uma pausa de percepção aos sons que ouvimos e os que estão por vir. Um respiro para o aumento das sensações e percepções. Nas artes visuais, a percepção da forma depende da existência da figura fundo. Segundo Ciornai (2004), na “Teoria da Forma” a percepção da figura pode variar de acordo com o contexto do fundo que ela está inserida. A percepção figura-fundo estará sempre em movimento, mudanças nesta percepção podem ocorrer constantemente a partir dos estímulos internos e externos de quem está observando.

Kandinsky e outros artistas realizaram experiências similares: Delacroix, Matisse, Tombley, Mondrian, Pollock, Michaux, entre outros. Representaram no quadro, alguns com textos escritos, a relação entre artes visuais e a música.

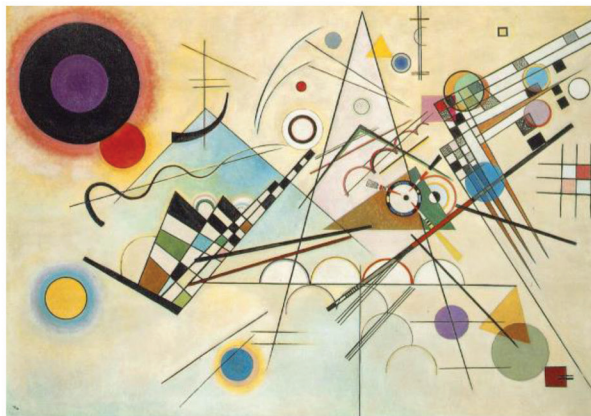


Figura 3 - Composição 8, Kandinsky (1923)



Figura 4
- Tristeza do Rei, Matisse (1952)

A influência da música na obra de Kandinsky (1866-1944) não é por acaso, seus pais tocavam piano e cítara e o próprio artista também teve este contato com a música. Em 1913 suas obras já não eram compostas por objetos do mundo físico, ela é totalmente construída através da inspiração da música.

A cor é um meio para exercer uma influência direta sobre a alma. A cor é a tecla; o olho o martelo. A alma; o instrumento das mil cordas. O artista é a mão que, ao tocar nesta ou naquela tecla obtém da alma humana, tocada em seu ponto sensível, responde. (KANDINSKY, 1979)

Ao usar a cor, Kandinsky baseou-se em estudos teóricos, associando o tom ao timbre, a matiz à altura e a saturação da cor à intensidade da música. Afirmou que ao ver a cor ouvia a música.

Quando ouvimos uma música acompanhamos seu ritmo involuntariamente, nosso rosto espelhará as emoções que ela nos provoca, pensamentos e sentimentos.

A música pode nos acalmar, animar consolar, emocionar. Pode nos ajudar a obter organização ou sincronia quando estamos trabalhando ou nos divertindo. Mas para pacientes com várias doenças neurológicas ela pode ser ainda mais poderosa e ter imenso potencial terapêutico. Essas pessoas podem responder intensamente e de maneira específica à música (e, às vezes a mais nada). (SACKS, 2007, p.12)

Uma música familiar poderá aflorar emoções e associações a tempos esquecidos, reabrindo estados de espírito, pensamentos e mundos há muito tempo não visitados. Quando as pessoas começam a cantar juntas, e outras intensificam acompanhando o canto, traz o sentido de comunidade. Essas relações estabelecem vínculos muitas vezes distanciados pela doença (Sacks, 2007).

Sons e cor, no percurso da criação artística mostra-se como uma série de possibilidades sendo importante lembrar que existe um vasto campo de pesquisa sobre a relação cor e som. Podemos perceber assim, a importância da teorização e da prática sobre o processo criativo na Arteterapia.

Pensando na complexidade entre arte e música, decidimos preparar uma vivência para ser apresentada no VII Fórum Paulista de Arteterapia, com o objetivo de refletir sobre o quanto a música induz ao ato criador de um desenho ou pintura. A Arteterapia como uma matéria que permite mergulhar no universo da pintura, do desenho, da música, da dança ou qualquer expressão artística.

Processo de trabalho

Por processo entende-se uma série de ações sistemáticas visando a um resultado das composições desenhadas.

A intervenção foi dividida como uma partitura musical, em 6 compassos. Desde o sentir os sons internos até refletir sobre a produção do gesto criador.

Foram distribuídos ao público papel branco e uma caixa de lápis de cera com 6 cores e texto fundamentando a prática, subsidio para a compreensão posterior à vivência. Foram utilizados vários sons de música em diferentes compassos.

1º Compasso – Respiração, batimentos cardíacos

Música: Sons de batimentos cardíacos

Objetivo: Tomar consciência da respiração, o ritmo das batidas do coração, acalmar-se, alinhar se com o espaço e com as pessoas no entorno.

Consigna: Sente-se à vontade, sinta seu corpo e vá tomando consciência de sua respiração e batimentos cardíacos.

Os fenômenos ritmicos tem função importante na autorregulação do comportamento humano. Os ritmos da respiração e do coração estão no centro da polarização da organização rítmica nos humanos. Estudos têm demonstrado que padrões rítmicos sonoros evocam respostas fisiológicos e podem sincronizar com os ritmos biológicos dos indivíduos (FOWLER, 2009).

2º compasso - Imaginação ativa. Música interna

Objetivo: Tomar consciência da música interna que mostrará o estado atencional e emocional do momento.

Consigna: Calmamente vamos sentindo um som ou música que toca internamente...não busque som ou música...deixe que ela apareça...quando aparecer aproveite o ritmo

interno, entre em contato com este som, deixe que ele se expanda, até o momento em que este ritmo tome suas mãos, aproveite esse ritmo para desenhar na folha de papel... Ao final da atividade escreva uma palavra sobre este momento.

Somente o homem possui a capacidade de elaborar imagens de coisas ausentes nas mais variadas situações, também imaginárias. Existe a música externa a que ouvimos com nossos ouvidos, mas também uma música interna. Existem as imagens mentais visuais e também as imagens mentais musicais. Essa experiência com adultos nos faz refletir sobre a importância dos sons, dos ruídos, dos silêncios na relação terapêutica.

Os sons deixam impressões não só na alma, mas também no corpo. Imaginar a música pode ativar o córtex auditivo, quase com a mesma intensidade da ativação causada por ouvir música, também estimula o córtex motor levando-nos a imaginar a ação de tocar música.

Esses tipos de imagem mental salvaram Beethoven quando ele ficou surdo e não podia ouvir música além daquela de sua mente. Há pessoas que mal conseguem manter uma melodia na cabeça, enquanto outras podem ouvir sinfonias inteiras na mente, quase tão detalhadamente e vividas quanto as ouvidas por meio da percepção real afirma Sacks (1999).

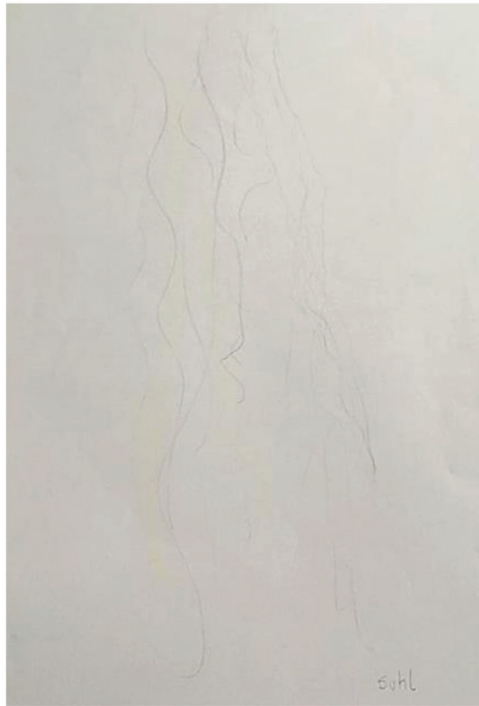


Figura 5 - composição criada a partir do compasso 2

3º Compasso: Sons

Música: Tambores Xamânicos /African Zimbabwe Mbira Music / Nearer My God to Thee (for 9 cellos) - The Piano Guys / Carlos Nakai Earth Spirit.

Objetivo: Percepção corporal

Consigna: Vamos colocar alguns sons para vocês e pedir para colocarem as mãos sobre onde sentem as sensações sonoras deste som, observando quais partes do corpo são influenciadas pelo ritmo.

O corpo como sujeito-objeto na arte e na arteterapia. Os participantes usam seu próprio corpo no campo da experiência estética. Sentindo a realidade do corpo e as reações do organismo na escuta da música. Acompanhamos o ritmo da movimentação, o

deslocamento da visão, a gestualidade das mãos na procura dos lugares do corpo que recebem as vibrações da taticidade.

A percepção do próprio corpo, lembra a Body Art, movimento artístico que surge ao longo dos anos 60. John Cage, anunciando um concerto de vanguarda, expôs os espectadores a uma cena em que o pianista Tudor nada mais fez que abrir e fechar o teclado três vezes, simbolizando os três movimentos de uma sinfonia afônica. Em “4’33” cria um vazio sonoro que torna sensível todo o corpo. Frayze-Pereira (2002) da mesma forma que as participantes, descobriu a localização dos movimentos musculares, a respiração, o ritmo e tensão.

Assim, o espectador da vivência fez arte em seu próprio corpo. Lembrando Merleau Ponty “ O artista emprega seu corpo...é emprestando seu corpo ao mundo que ele transforma o mundo em obra de arte...” Merleau Ponty (1964).

Talvez a escritora que melhor compreendeu esse tema seja Clarice Lispector. que transcende o vivido ao escrever:

Vejo que nunca te disse como escuto música- apoio de leve a mão na eletrola e a mão vibra espalhando ondas pelo corpo :assim ouça a eletricidade da vibração, substrato último no domínio da realidade, e o mundo treme em minhas mãos. (LISPECTOR, 1998 apud Francisquetti, 2011)

O corpo é capaz de receber uma estimulação sonora não só através de receptores especializados do ouvido, mas também através de receptores cutâneos de modalidade vibratória que se encontram na superfície externa do corpo.

4º Compasso – Espelho

Música: Koozã - Pearl (Instrumental) Cirque Su Soleil

Objetivo: Perceber a importância da troca, o movimento de conduzir e ser conduzido

Consigna: Formem duplas, ao iniciar a música conduzam o movimento. Combinem antes quem vai conduzir e quem será conduzido. Trocaremos o condutor depois de um tempo.

Desde que o “estágio do espelho” tornou-se referência sobre as percepções do corpo e suas representações simbólicas. O movimento dos pares provoca uma emoção. O corpo transformado em obra de arte. Como numa dança, a expressão corporal impõe movimentos como meio de expressar-se. O corpo em movimento é utilizado como linguagem.

Pudemos observar que os participantes da vivência, ao escutar o som semelhante para todos, muitas vezes tomavam posições diferentes de seu par e procuravam se adaptar aos movimentos do parceiro.

Seus semblantes confirmavam o comentário feito no final da vivência. “Até o início da vivência, não tinha percebido quem estava na cadeira ao meu lado, depois da parte da vivência em duplas, percebi quem era meu par e pudemos estabelecer sentimentos de cumplicidade.”

Estas observações permitem estabelecer a importância do trabalho terapêutico dos sons, dos ruídos, dos gestos, dos movimentos, em Arteterapia. O quanto o terapeuta junto com seu cliente é condutor e também deve se deixar conduzir nas atitudes e ações dentro do setting terapêutico. Tanto a música como a arte podem promover o contato entre pessoas mesmo mesmo na ausência da linguagem verbal. A comunicação pode ser estabelecida de forma verbal, emocional ou motora, visando sempre a facilitação do diálogo com seu cliente.

5º Compasso – O som como gesto criador

Música: Jeux Deau - Cirque Du Soleil / La Nouba Cirque Du Soleil - OVO - Frevo
Zumbido - Cirque Du Soleil

Objetivo: Abrir-se para a escuta, que conduz a um gesto criador

Consigna: Três sons diferentes e em cada um deles os participantes devem criar um novo desenho e no final colocar uma palavra que represente cada um dos três momentos.

Um desenho, uma pintura se distingue dos demais objetos por ser uma expressão semiótica - um objeto que reflete outro objeto. Reflete a realidade por meio de ponto, linhas, formas, cores, uso do espaço. Algumas pessoas veem cores enquanto escutam músicas. Existem pessoas que pintam o que veem e outros que se apegam a forma abstrata de representação.

Pudemos compreender a natureza especial da experiência cromática na escuta da música quando lemos Goethe, o mais sábio dos teóricos da cor citado por Arnheim (1989, p.222).

As cores simples nos afetam, por assim dizer, patologicamente, nos proporcionando sentimentos especiais. Às vezes, nos levam a nobreza, outras nos fazem descer a vulgaridade, sugerindo uma luta cheia de vida ou suave anseio.

As cores usadas pelo grupo foram as primárias: azul, vermelho e amarelo. Algumas cores se completam outras distanciam. Ou quando duas cores se chocam como numa dissonância musical. Na combinação surgiram cores secundárias. O resultado foi um complexo esquema de formas e cores. Observamos em alguns trabalhos e pelo movimento gestual durante a escuta da música, o movimento das linhas que é a

sequência de pontos, como descreve Klee. A música induz ao gesto criador, todas estas relações se equilibram na composição total dos desenhos.



Figura 6 - composição criada a partir do compasso 5 - Música Jeux Deau - Cirque Du Soleil



Figura 7 - Composição criada a partir do compasso 5 - Música La Nouba Cirque Du Soleil

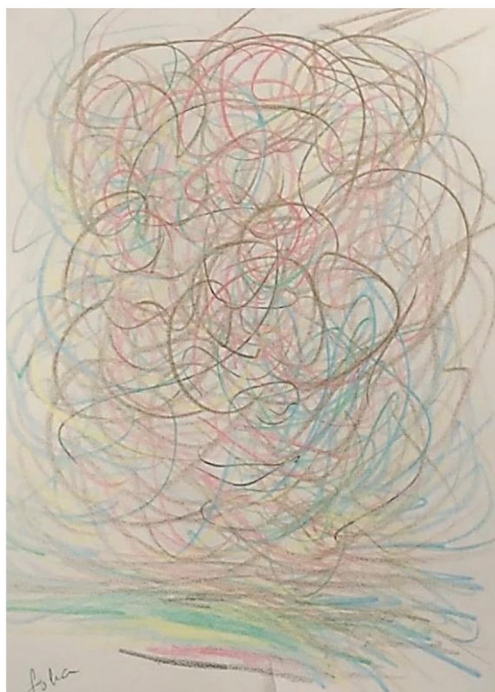


Figura 8 - Composição criada a partir do compasso 5 - Música Frevo Zumbido - Cirque Du Soleil

6º Compasso - Observar

Objetivo: Observação dos processos, sensações, percepções e desenhos criados.

Consigna: Novamente vamos observar os desenhos realizados, caso sintam vontade de modificar algumas estruturas ou neste momento também poderão criar um novo desenho a partir do que já desenharam.

Igualmente importante foram as palavras escritas representando os ritmos, o movimento, a linha melódica e os sentimentos, emoções e revelações, que a vivência poética da cor do som despertou em cada espectador. Palavras como sutil, primavera, folia.

Poderíamos ter levantado inúmeras discussões que envolvem a expressão das participantes. Como cada participante levou sua produção para casa, pode rever o que cada desenho revela e sempre existe a possibilidade de novas interpretações que podem acrescentar algo no caminho do crescimento pessoal, a música que cantaloravam internamente ao sair do evento.

Considerações Finais

Foi possível verificar neste processo a importância não só da criação plástica, mas o poder da música (mesmo que interna) como fonte para o ato criador e de expressão. A música sendo utilizada em todas as fases da vida, da tenra infância a velhice. Possibilidade de estímulo cognitivo e emocional.

Data de recebimento: 14.12.2017
Data de aceite 1º. parecerista: 20.02.2018
Data de aceite 2º. Parecerista: 20.02.2018

Referências

ARNHEIM, R. **Intuição e intelecto na arte**. tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

CIORNAI, S. Arteterapia gestáltica. In CIORNAI, S. (org) **Percursos de Arteterapia: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia**. São Paulo: Summus, 2004.

FOWLER, V. Musicoterapia e os ritmos biológicos. In NASCIMENTO, M. (coord.), **Musicoterapia e a reabilitação do paciente neurológico**. São Paulo: Memnon, 2009.

FRANCISQUETTI, A.A. Anotações: A vida é sempre uma obra. In FRANCISQUETTI, A.A. (coord) **Arte-Reabilitação**. São Paulo: Memnon, 2011.

FRAYZE -PEREIRA, J. Arte contemporânea e a banalização do mal: corpo do artista, silêncio do espectador. In BARTUCCI, G. (org.) **Psicanálise arte, e estéticas da subjetivação**. Rio de Janeiro: Imago, 2002

KANDINSKY, W. **Do espiritual na arte**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1979.

MERLEAU -PONTY, M. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

QUINARD, P. **Ódio à música**. tradução Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

RAMALHO, C. **O pensamento criativo de Paul Klee: arte e música na constituição da teoria da Forma**. *Per Musi*. Belo Horizonte, nº21, 2009, p.7-18.

SACKS, O. **Alucinações musicais**. tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: 2007